

“O CORPO” DE CLARICE LISPECTOR: PERCEPÇÕES A PARTIR DA TEORIA FEMINISTA E DOS ESTUDOS DE GÊNERO

“THE BODY” BY CLARICE LISPECTOR: PERCEPTIONS FROM FEMINIST THEORY AND GENDER STUDIES

Aline Veingartner Fagundes¹

Resumo: As pesquisas no campo da teoria feminista e dos estudos de gênero têm possibilitado um entendimento ampliado dos corpos, transcendendo sua dimensão biológica, e contribuem com novas perspectivas sobre as representações dos corpos na literatura. Nesse sentido, este artigo traz uma reflexão literária e política do conto “O corpo”, selecionado da coletânea *A via crucis do corpo* (1974), de Clarice Lispector. A partir da leitura de pesquisas sobre a obra da escritora, comentam-se aspectos de destaque do livro como um todo. Para a análise do conto, recorre-se à teoria feminista e aos estudos de gênero, particularmente às noções de heterossexualidade compulsória e *continuum* lésbico, da escritora Adrienne Rich, e ao conceito de sujeitos do sexo/gênero/desejo, da filósofa Judith Butler, a fim de explorar as possíveis repercussões da ideia de *corpo* nas personagens do texto literário selecionado. Também aportam substancialmente para este artigo a filósofa Simone de Beauvoir e a professora Guacira Lopes Louro, com sua obra *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Em suas dimensões histórica, política e cultural, o corpo na narrativa analisada é entendido enquanto a estrutura física e individualizada do ser, que se investe de significados pela cultura, e enquanto realidade carnal, que viabiliza dores e prazeres, que comete excessos e sobrevive às perdas, que vibra e se deteriora.

Palavras-chave: Clarice Lispector. *A via crucis do corpo*. Corpo. Sexualidade. Teoria feminista. Estudos de gênero.

Abstract: Research in the field of feminist theory and gender studies has enabled an expanded understanding of bodies, transcending their biological dimension, and has contributed with new perspectives on the representations of bodies in literature. In this sense, this article brings a literary and political reflection from the short story “O corpo” (“The body”), selected from the collection *A via crucis do corpo* (“*The via crucis of the body*”) (1974), by Clarice Lispector. From the reading of research on the work of the writer, aspects of the book as a whole are highlighted. For the analysis of the short story, discussions of feminist theory and gender studies are used, particularly the notions of compulsory heterosexuality and lesbian continuum, by the writer Adrienne Rich, and the concept of subject of sex/gender/desire, by the philosopher Judith Butler, in order to explore the possible repercussions of the idea of the body on the characters of the selected literary text. The philosopher Simone de Beauvoir and professor Guacira Lopes Louro also contributed to this article with her work *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (“*The educated body: pedagogies of sexuality*”). In its historical, political and cultural dimensions, the body in the analyzed narrative is understood as the physical and individualized structure of the being, which is invested with meanings by culture, and as a carnal reality, which makes pains and pleasures possible, which commits excesses and survives the losses, which vibrates and deteriorates.

Key words: Clarice Lispector. *A via crucis do corpo*. Body. Sexuality. Feminist theory. Gender studies.

¹ Mestranda em Literatura no Programa de Pós-Graduação em Literatura, na linha de pesquisa Crítica Feminista e Estudos de Gênero pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: aline.veingartner@gmail.com.

Apresentação

Se, como diz Yudith Rosenbaum², “não se lê Clarice impunemente”, com a leitura de *A via crucis do corpo* não seria diferente: é impossível visitar cada um de seus contos sem sofrer (ou apreciar) consequências desestabilizadoras. Essas narrativas nos afetam em camadas inefáveis de nossas subjetividades, mas, sobretudo, na materialidade de nossas carnes. Para uma parte do público e da crítica, desde a publicação da obra, as repercussões têm sido desconfortáveis. Há quem sinta incômodos estéticos e literários, há quem sinta palpitações morais, ou até uma mescla dessas duas naturezas de inquietação. Para outra parte, porém, as peripécias dessa coletânea se mostram terreno fértil para toda a sorte de discussões. Assim, este artigo traz reflexões literárias e políticas do conto “O corpo”, selecionado de *A via crucis do corpo*. Neste percurso, vamos observar pesquisas, antigas e recentes, sobre a obra da escritora, comentando alguns aspectos de destaque do livro em sua totalidade. Na sequência, vamos investigar as repercussões possíveis da ideia de *corpo* no texto literário selecionado com as contribuições teóricas da teoria feminista e dos estudos de gênero – em especial as noções de heterossexualidade compulsória e *continuum* lésbico, da escritora Adrienne Rich (2010), e o conceito de sujeitos do sexo/gênero/desejo, da filósofa Judith Butler (2000; 2016; 2018), além de aportes da filósofa Simone de Beauvoir (1980) e da professora Guacira Lopes Louro (2000).

***A via crucis do corpo*: um breve panorama da obra**

Escrito sob encomenda e publicado em 1974, *A via crucis do corpo* reúne treze contos marcados pelo protagonismo de personagens mulheres. Iniciando com uma “Explicação”, Clarice Lispector conta que o poeta Álvaro Pacheco, seu editor na Artenova, havia lhe encomendado três histórias de “assunto perigoso”. Na crítica produzida sobre a coletânea, há especulações de que a “Explicação” seja também parte do escopo ficcional da obra. De qualquer modo, a escritora/narradora³ avalia ali as histórias que criou como *contundentes* e confessa que quem mais sofreu foi ela mesma, “espantada com a realidade”.

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Klq3xe__Fyo&ab_channel=CasadoSaber. Acesso em: 4 ago. 2020.

³ A professora de Análise do Discurso Carmen Rosa Caldas-Coulthard (2007) defende que a linguagem, enquanto sistema simbólico, se constitui como uma poderosa arma, já que espelha, enfatiza e reproduz ideologias discriminatórias. Uma vez que as práticas sociais patriarcais priorizam um sexo (o masculino), optamos pela expressão *narradora* a fim de problematizar a invisibilidade histórica das mulheres nos textos e, mais especificamente, nos textos literários.

De acordo com Cristiane P. S. Bourguignon (2016), mal compreendida pela crítica da época e considerada num patamar de literatura menor, *A via crucis do corpo* foi duramente criticada e até mesmo ignorada por pesquisadoras/es e especialistas. Alguns trabalhos mais recentes seguem a mesma percepção. A obra mobiliza embates entre sagrado e profano, corpo e alma, sexo e morte. O desafio aceito por Clarice Lispector já se revela no título do livro, que remete a um assunto perigoso, já que *a via crucis* significa caminho da cruz, trajeto difícil de ser percorrido (MELO, 2014).

Por outro lado, em livro sobre a obra de Clarice Lispector, Yudith Rosenbaum (2002) enquadra a análise de *A via crucis do corpo* em capítulo intitulado “Relances de Clarice” e afirma que suas histórias “parecem abraçar, mais uma vez, o sentido da vida ou a falta dele, os limites da palavra, a precariedade da existência, o encontro casual com a verdade, a crueldade e o amor inesperado” (ROSENBAUM, 2002, p. 87). Longe de se configurar como um problema literário, a coletânea revelaria uma segunda face da obra clariciana: uma vertente “realista, social, mediada sobre (mas não só) pela condição histórica particular da mulher” (ROSENBAUM, 2002, p. 87).

Bourguignon (2016) mostra que as cinco epígrafes do livro fornecem previamente diversas possibilidades de leitura em torno do desejo, do remorso, do corpo, da carne, do amor. Os recursos literários empregados nos contos são a ironia, a comicidade e a tragédia. Como desdobramentos da sexualidade, Bourguignon (2016, p. 20) cita “a bissexualidade, a homossexualidade, a inibição sexual, a bigamia, a maternidade, a prostituição, o assassinato passional, a fantasia sexual, o estupro coletivo, o sexo na terceira idade, a masturbação na velhice, o desejo sexual em religiosos, dentre outros”.

Flávia Rodrigues de Melo (2014) argumenta que *A via crucis do corpo* é uma ficção que transcende a visão conservadora e discriminatória quanto aos papéis permitidos às mulheres. Para a autora, Clarice Lispector denunciou, com sua peculiar linguagem, o silêncio historicamente imposto às mulheres em seus anos de reclusão no espaço doméstico, por meio de personagens femininas com suas angústias, insatisfações e questionamentos existenciais.

Uma parte da crítica ainda hoje tem se preocupado em apontar o fato de Clarice Lispector ter escrito por encomenda, por necessidade de dinheiro, e não a partir de uma suposta espontaneidade criativa dos/as grandes escritores/as. Chega-se até mesmo a insinuar o quanto o fator econômico teria afetado negativamente seu projeto literário, reduzindo-o a um patamar de subliteratura. Em nossa leitura, no entanto, as razões que motivaram a escritora a levar a cabo a empreitada em nada diminuem a potência e qualidade literária da obra.

Entre os contos de *A via crucis do corpo*, o conto selecionado para esta análise é o único que efetivamente leva a palavra *corpo* no título, uma das razões que nos instigou a pensar sobre os múltiplos significados que o corpo poderia assumir na narrativa. Algumas análises do conto com as quais tivemos contato seguem a via da leitura psicanalítica. Outras, partem dos estudos sobre o grotesco ou sobre o erótico. Nossa intenção, neste trabalho, é empreender uma leitura *literária* de “O corpo”, a fim de observar os principais recursos empregados, mas sobretudo *política*, entendendo *corpo* não como algo inequívoco ou evidente por si, mas ambíguo e inconstante, com necessidades e desejos que se transformam continuamente (LOURO, 2000).

Sujeitos/as do sexo/gênero/desejo: a materialidade dos corpos das personagens Xavier, Carmem e Beatriz

Para a filósofa Judith Butler (2018), gênero, corpo e sexo são construções discursivas. Os/as sujeitos/as não são preexistentes, mas se constituem no discurso por meio dos atos que executam. Por esse viés, o que se entende por *gênero* (masculino/feminino), *sexo* (macho/fêmea) e *corpo* é construído *na* e *pela* linguagem, é algo que se faz. A performatividade, então, é uma sequência de atos. Fazer o ato, performativamente, é o que constitui o gênero. O gênero produz uma falsa noção de estabilidade a partir da repetição de atos, gestos e signos que fortalecem a construção e reprodução de corpos necessariamente masculinos ou femininos. No entanto, como efeito das relações de poder, os/as sujeitos/as estão em constante processo, se constroem e destroem o tempo todo, de modo que uma suposta “identidade de gênero” vai ser sempre instável, porosa, provisória. O gênero é, portanto, a ficção reguladora mais importante de nossa cultura.

Nessa mesma linha, o corpo também não é natural, preexistente, mas produzido pelos discursos, significado pela linguagem e pelas práticas. Butler (2018) argumenta que o gênero estiliza o corpo a partir da materialização do sexo (macho/fêmea). O sexo, por sua vez, longe de ser uma entidade material natural e autoevidente, é discursivamente produzido e inscrito numa série de moralidades. O sexo classifica os corpos em humanos/viáveis e não humanos/inviáveis, e esse ato de sexagem é uma forma inteligível de ler as pessoas. As identidades sexuais são adotadas e assumidas a partir de binarismos paradigmáticos, de ideias rígidas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, de forma que identidades consideradas marginais e não importantes no contexto da hegemonia heterossexual são brutalmente excluídas, atiradas para um lugar de estranhamento e abjeção.

Em “O corpo”, o primeiro personagem a passar por esse processo de “sexagem” é Xavier, descrito como um homem “truculento”, “sanguíneo” e “muito forte” (p. 20)⁴. É curiosa a escolha do adjetivo *sanguíneo*: pode-se pensar imediatamente no vigor, na violência e, com isso, visualizar um sujeito em que o sangue predomina, um sujeito sanguinário, impiedoso. No desenrolar da história, porém, o adjetivo poderá assumir outros sentidos. Em um único e sintético parágrafo, são esboçados os principais contornos de um personagem que parece performar os papéis de gênero frequentemente atribuídos a um dado modelo de masculinidade em nossa sociedade: força, virilidade, dominação e apetite sexual incontrolável. As masculinidades são aqui entendidas como um “conjunto de experiências históricas que contribui e se constitui na formação dos sujeitos; estas experiências moldam, transformam e formam as percepções sobre a realidade e indicam como cada um se posiciona frente à vida” (SILVA, 2015, p. 9).

O corpo de Xavier é ainda comparado ao corpo de um animal: “sua força de touro cresceu-se” (p. 23) – clássica metáfora que supervaloriza a força física, algo que se espera de um sujeito “verdadeiramente masculino”. No decorrer da narrativa, o recurso utilizado para construir o personagem é a caricaturização de um tipo de masculinidade. Nesse sentido, são pertinentes as palavras de Guacira Lopes Louro (2000, p. 7): “as muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente”.

Além dessas características ditas “masculinas” – que não são inatas, biológicas ou naturais, mas políticas, imbuídas de significado por uma dada cultura em um dado tempo histórico – Xavier tem uma peculiaridade: é bígamo, vive com duas mulheres. Com sentenças curtas e pragmáticas, como quem se isenta de qualquer julgamento, a narradora descreve o funcionamento dessa relação que é atípica nas sociedades ocidentais monogâmicas, como a brasileira, nas quais o modelo ideal é o de família nuclear, formada por um casal heterossexual e seus/suas filhos/as: “Cada noite era uma. Às vezes duas vezes por noite. A que sobrava ficava assistindo. Uma não tinha ciúmes da outra” (p. 20).

Para explorar mais profundamente o funcionamento interno da relação, a narradora conta que “Xavier trabalhava muito para sustentar as duas e a si mesmo, as grandes comidas” (p. 21). Sob a lógica binária ocidental, o homem exerce este papel que vem sendo historicamente atribuído a seu gênero: o de provedor. É Xavier quem trabalha fora, acessa o

⁴ Para evitar sobrecarregar o texto, durante a análise, todas as citações diretas do conto “O corpo” estão referenciadas apenas com o número da página do livro. As demais referências seguem completas, com autoria, ano e página, conforme as normas da ABNT.

espaço público e supre as necessidades materiais do lar. As mulheres, por sua vez, permanecem no espaço privado e se encarregam dos serviços e tarefas domésticas, como cozinhar. Elas também compram perfumes e camisolas “cheias de sexo” (p. 22), inscrevendo em seus próprios corpos as marcas de uma identidade feminina desejável, isto é, do que se espera de uma “verdadeira” mulher em nossa cultura: “masculinidade(s) e feminilidade(s) são constructos sociais e culturalmente forjados, rizomáticos, relacionais, interdependentes e de múltiplas definições” (SILVA, 2015, p. 10). Contudo, em consonância com Bourguignon (2016, p. 30), acreditamos que a narradora recorre ao estereótipo feminino como recurso de ironia e questionamento, e não de reprodução desses valores.

Para Xavier, uma “vida boa” e dois corpos de mulheres a sua disposição para saciar seus apetites sexuais parece ser insuficiente: o marido engana as esposas com uma prostituta, busca fora de casa um novo excesso libidinoso. A narradora alerta que o homem precisa guardar segredo: “Mas nada contava em casa pois não era doido” (p. 22), sugerindo que, no acordo entre os integrantes desse relacionamento, não está previsto que um corpo se relacione afetiva ou sexualmente com corpos externos ao vínculo amoroso. Isto desestabilizaria os cálculos, que a princípio admitem somente três fatores.

Outra ocasião em que se evidencia a materialização do sexo através do gênero é quando as personagens se preparam para viajar a Montevideú (p. 22). A narradora fornece detalhes apenas das bagagens femininas: Carmem leva “toda a sua complicada maquilagem” e Beatriz sai para comprar uma minissaia (p. 23). Nesse sentido, é interessante a percepção de Louro (2000, p. 20) de que, “[n]a constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ sua sexualidade e seu gênero”. Ao focar em elementos que, em nossa sociedade, buscam fixar uma identidade feminina aceitável, como a maquiagem e a minissaia, as duas personagens investem ativamente em sua forma de vivenciar a feminilidade.

Ainda na ocasião da viagem, Xavier se senta entre as duas esposas no avião, representando o elemento que dá liga a essa configuração afetiva, sem o qual supostamente o relacionamento não poderia existir ou funcionar. Quando chegam a Montevideú, compram para Beatriz uma máquina de costura e, para Carmem, uma máquina de escrever. A narradora descreve Carmem como “uma pobre desgraçada” (p. 23) que mantém um diário no qual anota as datas em que Xavier a procura e depois entrega o caderno para Beatriz ler. O tema do *diário* nos remete a uma importante reflexão de Simone de Beauvoir (1980): na percepção da filósofa, por ter vivido tanto tempo às margens do mundo masculino, as mulheres captam a

realidade através de uma visão singular, e não universal. O mundo, para elas, é uma fonte de sensações e emoções, não um conjunto de utensílios e conceitos, como o é para os homens. Por terem estado historicamente destinadas à imanência do espaço privado, as mulheres revelam uma forte necessidade de se exprimirem e, por isso, se dedicam a longas conversas, cartas e diários íntimos.

A imanência é caracterizada por Márcia Regina Viana (2010) como uma postura de passividade ontológica que pode ser consequência da opressão ou de uma escolha individual do ser, que se isenta de sua condição de sujeito soberano. O estado de imanência parece de fato ser a realidade das personagens deste conto: “Às vezes as duas se deitavam na cama. Longo era o dia” (p. 23). A sensação é de tédio, monotonia, repetição, dias que se arrastam longamente sem grandes novidades e imprevistos até o tão aguardado retorno do marido. Possivelmente é por essa razão que a única informação que a narradora revela sobre o diário de Carmem é o fato de ela anotar as datas em que Xavier a procura.

A transgressão dos corpos: Carmem e Beatriz fazem “amor triste”

Nesses longos dias de placidez em casa, às vezes Carmem e Beatriz se deitam juntas, transgredindo as fronteiras sexuais previamente estabelecidas na relação. A narradora associa práticas sexuais (uma excitar à outra) a identidades eróticas (homossexuais): “apesar de não serem homossexuais, se excitavam uma à outra e faziam amor” (p. 23). A prática homoerótica – o sexo entre as mulheres – é descrita com eufemismos, com impacto mais suave se comparada às expressões que a narradora emprega para descrever o apetite voraz de Xavier, como “excitou-se terrivelmente” (p. 21), “teve vontade de ter mulher” (p. 24) ou “esta [a prostituta] excitava-o porque dizia muito palavrão. E chamava-o de filho da puta. Ele aceitava tudo” (p. 25). Há, porém, uma certa ambiguidade semântica aqui. *Fazer amor* é uma expressão popular usada para denotar uma prática sexual que não se limita ao prazer físico, mas o transcende e envolve outras formas de vínculo além da conexão carnal. Na ausência do marido, as duas mulheres teriam passado a cultivar entre si uma afetividade que justificaria falar em *fazer amor*. Essa suposição, no entanto, cai por terra quando a narradora arremata: “Amor triste” (p. 23).

A noção de heterossexualidade compulsória é proposta por Adrienne Rich (1980) como uma instituição política cujo objetivo é subtrair o poder das mulheres. É uma forma de fazer as pessoas, sobretudo as mulheres, acreditarem que é natural e inevitável estar em um relacionamento composto por um homem e uma mulher, porque “assim a natureza

determinou”. Já que o padrão estabelecido para um arranjo amoroso é uma mulher e um homem, o reforço da heterossexualidade atuaria como um mecanismo de garantia do direito dos homens de acesso físico, econômico e emocional às mulheres. A escritora explica que existem alguns dispositivos por meio dos quais o poder masculino é exercido. Esses instrumentos, entre os quais a heterossexualidade compulsória, mantêm e reproduzem as desigualdades entre mulheres e homens e se configuram como uma profusão de forças envolvendo não apenas a brutalidade física, mas também o controle da consciência.

Rich (1980) sustenta que sinapses no pensamento, negação de sentimento, ideias sugestionadas e uma confusão sexual e intelectual profunda são alguns dos efeitos de uma doutrinação em termos do *status* masculino. Com isso, as mulheres acabam por colocar os homens acima delas mesmas, em credibilidade e importância na maioria das situações, o que as leva a internalizar os valores do colonizador, além de participar de forma ativa na colonização do eu e de seu sexo. Assim, longe de ser uma simples questão de “preferência” ou “escolha” para muitas mulheres, a heterossexualidade tem sido imposta, administrada, organizada, propagandeada e reproduzida por via da força, física e simbólica, razão pela qual podemos considerá-la compulsória. Não queremos com isso insinuar que as personagens de “O corpo” sejam homossexuais ou bissexuais “no armário”⁵, mas sugerir uma chave de interpretação para a opção da narradora de descrever as relações sexuais entre as duas mulheres como “amor triste” – o que, no contexto mais amplo do conto, parece significar *incompleto*.

Ainda a respeito da heterossexualização do desejo, Judith Butler (2000) sustenta que a categoria “sexo” funciona como parte de uma prática regulatória que tem o poder de produzir os corpos que controla. Os corpos, por sua vez, não se conformam totalmente às normas, já que a materialização do “sexo” depende de uma reiteração forçada dessas normas. A filósofa explica que as normas regulatórias do “sexo” operam, por meio da performatividade, para materializar o sexo do corpo e a diferença sexual, a qual trabalha a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. No entanto, a força hegemônica dessa lei regulatória é colocada em questão justamente pelas rearticulações que podem ser geradas pelas instabilidades e possibilidades de rematerialização.

⁵ A teórica estadunidense Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 19) define o “armário” como um “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas” que, “com suas regras contraditórias e limitantes sobre privacidade e revelações, público e privado, conhecimento e ignorância, serviu para dar forma ao modo como muitas questões de valores e epistemologia foram concebidas e abordadas na moderna sociedade ocidental como um todo”.

Assim, a norma a que Carmem e Beatriz deveriam se conformar é a da coerência entre sexo, gênero e desejo, também discutida por Butler (2016). Com seus corpos sexuados e identificados como *mulheres*, espera-se que assumam os significados culturais de seu gênero, *feminino*, e expressem desejo sexual exclusivamente por um sujeito de sexo/gênero oposto: *homem*. As personagens, porém, promovem uma fissura nessa coerência socialmente legitimada. Seguindo a esteira do conto, que já abordou temas como a prostituição e a bigamia, as personagens adotam mais essa prática considerada transgressora das convenções mais arraigadas em nossa sociedade.

O evento que desencadeia o drama amoroso e perturba a fluidez da narrativa é a revelação, para Carmem e Beatriz, de que Xavier esteve com uma prostituta. Demonstrando insensibilidade ao fato de ter traído e magoado as esposas, Xavier tem “vontade de ter mulher” (p. 24) e “convoca” Beatriz. Apesar de “mole e cansada”, Beatriz “prestou-se aos desejos do homem que parecia um super-homem” (p. 24). *Mole, cansada e prestar-se* são expressões que, longe de denotarem um desejo ativo por parte da personagem, parecem indicar uma entrega involuntária a seu “destino” de mulher, cujo papel seria saciar os desejos masculinos, ainda que ela não sinta a mesma vontade. A propósito desse tema, Rich (1980, p. 32) discorre sobre a “mística da supremacia vitoriosa da pulsão sexual masculina”, um dogma que ensina as mulheres a aceitarem essa “pulsão” como inevitável e que justifica o comportamento sexual adulto masculino.

Vale resgatar também a epígrafe de *A via crucis do corpo* que diz: “Eu, que entendo o corpo. E suas cruéis exigências. Sempre conheci o corpo. O seu vórtice estonteante. O corpo grave” (p. 9). O corpo aqui é lido como tendo *cruéis exigências*; as exigências do corpo de Xavier, nesse sentido, estão relacionadas com seu instinto sexual irreprímível, ao passo que o corpo de Beatriz deve prestar-se aos desejos do marido. Essas exigências, contudo, não são fixas, mas instáveis, já que se reconhece o “vórtice estonteante” do corpo, sua força devastadora, sua potência desestabilizadora.

Por isso, após a revelação do adultério, as duas mulheres avisam Xavier de que não vão mais cozinhar para ele, recusando-se a cumprir a tarefa que lhes é atribuída dentro do jogo de trocas dessa relação amorosa. Vemos, então, que as mulheres não são vítimas passivas da dominação de Xavier. Em vez disso, companheiras na experiência comum de terem sido traídas, vão ao cinema, jantam fora e voltam tarde para casa. Nesse retorno, Xavier chora, o que parte o coração das esposas que, para agradá-lo, fazem amor na sua frente. Aqui é interessante notar como os papéis de gênero que se atribuem aos corpos sexuados não são estanques, mas constantemente negociados. Xavier vem sendo descrito como um homem

robusto, viril, grosseiro, mas, ao chorar diante da desaprovação das esposas, rompe um modelo de masculinidade para o qual são inadmissíveis expressões de sentimentos que denotem fragilidade.

Em um dado momento, Carmem e Beatriz começam a alimentar um desejo de vingança. Esse desejo se dá com “as duas cada vez mais amigas e desprezando-o” (p. 24). A aliança entre mulheres que resistem às formas de violência masculina nos recorda o termo *continuum* lésbico de Rich (1980), que não se refere necessariamente a mulheres que se identificam como lésbicas. O *continuum* lésbico tem um campo de abrangência mais amplo: inclui um conjunto de experiências de identificação da mulher, como, por exemplo, o apoio mútuo e o vínculo contra a tirania masculina. Nesse sentido, em “O corpo”, as personagens se tornam mais próximas e se unem para resistir ao descumprimento de Xavier dos termos da relação amorosa, que também pode ser considerado uma forma de violência, já que viola o acordo previamente estabelecido entre os três e que era imprescindível para o equilíbrio da relação. Parece tratar-se, assim, de uma estratégia que as personagens encontraram para maximizar sua capacidade de sobrevivência dentro da situação de injustiça e desequilíbrio a que estão expostas.

Se recordamos outra vez o título do livro, podemos pensar na *via crucis* percorrida pelo corpo de Xavier que, condenado desde o início da trama, passou por um processo mítico de sofrimento do corpo ao ser esfaqueado, morto e enterrado por aquelas que o amavam. O calvário, no entanto, recai sobre as mulheres. Ou, talvez, elas tenham percorrido sua própria *via crucis*. A força – humana e divina, física e moral – requerida para matar o marido exaure todas as energias dos corpos de Carmem e Beatriz, que lamentam a inevitabilidade da decisão: “Se tivessem podido, não teriam matado o seu grande amor” (p. 26). Aqui outra vez se faz evidente que Xavier é o elo que une as partes dessa relação: é ele *o grande amor*. Como bem anuncia uma das epígrafes do livro, “Quem viu jamais vida amorosa que não a visse afogada nas lágrimas do desastre ou do arrependimento?” (p. 9), para nos lembrar de que *A via crucis do corpo* fala também dos sentimentos que emanam do corpo, dos amores nutridos pelo corpo, dos sofrimentos padecidos pelo corpo, e dos desastres provocados *pelo e no* corpo.

Considerações finais: Clarice Lispector, a “inliberta”

Como vimos, o corpo assume na narrativa múltiplos sentidos. É a estrutura física, individualizada e sexuada de Xavier enquanto homem, e de Carmem e Beatriz enquanto mulheres. É a realidade carnal, que leva as personagens a sentirem fome e desejo, mas que

também torna esses prazeres viáveis. É a materialidade que comete excessos – de consumo, de comida, do ato sexual – e suporta ausências e vazios, como quando Xavier está fora de casa e, mais adiante, quando está morto. É o que vibra quando viaja, quando sacia a fome e o desejo de comer, quando experimenta, quando goza. É o que expira, porque os corpos físicos são, no final das contas, perecíveis.

Compreendemos que a tematização do corpo na literatura, principalmente a literatura de autoria de mulheres, constitui importante vetor para a humanização e para a reparação de injustiças históricas. Os corpos das mulheres têm sido sistematicamente negados, reprimidos, silenciados ou, por outro lado, controlados, explorados e violentados pela cultura ocidental, e trazer esse debate para o campo literário constitui, ainda hoje, uma urgência.

A leitura política do conto com o suporte da teoria feminista e dos estudos de gênero possibilita, pois, discussões mais abrangentes, que transcendem abordagens como – para citar um exemplo relativamente recente – a que encontramos no artigo “A hora do lixo: literatura encomendada de Clarice Lispector”, de Juliana Gervason Defilippo (2008, p. 91). Esse estudo considera o processo de criação de *A via crucis do corpo* um erro e classifica os contos em “tentativas atrapalhadas”, “historinhas tentadas” e “preenchimento de espaços”. O conto “O corpo” é enquadrado na categoria “tentativas atrapalhadas” e, para a autora, se perde em “desencontros numa superficialidade que explicita a dificuldade da escritora em explorar temática tão diferente de sua produção” (DEFILIPPO, 2008, p. 94).

Não nos parece que a “R(D)ECEPÇÃO” – nas palavras de Defilippo (2008, p. 106) – por parte da crítica e do público com a obra de Clarice Lispector tenha relação simplesmente com a divergência ou a ruptura temática e literária em contraste com suas obras anteriores, consideradas herméticas, metafísicas, existenciais ou sublimes. Tampouco acreditamos que o estranhamento com a obra se resuma a uma frustração provocada pelo fato de os contos não se enquadrarem no que se esperava como erótico, conforme encomendado pelo editor, ou até mesmo no gênero literário conto, como Defilippo (2008, p. 108) sugere em seu artigo e que parece refletir a posição de parte da crítica: “sequer podemos chamá-los de contos, se utilizarmos os necessários critérios de qualificação do gênero. É um livro, cuja única classificação encontrada pela própria autora foi ‘lixo’”. Quando pesquisas colocam em xeque se as narrativas de *A via crucis do corpo* podem ou não ser consideradas contos, é inevitável pensar o quanto ainda precisamos desativar as estruturas internalizadas de nossas formações literárias e confrontar os critérios canônicos cristalizados, que legitimam alguns textos como literatura e, a outros, classificam como “lixo”, inclusive quando se trata de uma autora já consagrada.

É importante também recordar o dualismo metafísico ocidental, que insiste em separar a mente do corpo. Mais do que isso: esse dualismo é hierárquico, pois privilegia a mente em detrimento do corpo, confere à mente poder e controle sobre o corpo. É possível que tal concepção naturalizada interfira, inconscientemente, na leitura dos contos de *A via crucis do corpo*, já que, até essa publicação, os/as leitores/as de Clarice Lispector estavam habituados a narrativas focadas nos fascinantes movimentos das mentes, nos efeitos psicológicos dos eventos externos nas personagens. Aqui, contudo, não apenas a linguagem da escritora se alterou, como o foco passou a estar nos corpos, traindo – nas palavras de bell hooks (2000) ao discorrer sobre a dualidade mente/corpo – um legado de repressão e de negação. Quando a atenção se move para os corpos sem pensá-los em oposição à mente, como na tradição epistêmica ocidental dominante, nos abrimos para uma leitura em que “exterior e interior não estão separados pela barreira hermética da pele. Entre o exterior e o inteiro, intercâmbios permanentes e contínuos ocorrem” (MARCOS, 2014, p. 156).

Passados cem anos do nascimento de Clarice Lispector e quase cinco décadas da publicação da obra em análise, considero que esses contos continuam suscitando reflexões importantíssimas sobre os tempos em que a escritora viveu, sobre os tempos atuais, e sobre problemas e questões antigas que ainda hoje são interditas, censuradas, proibidas – inclusive no âmbito da criação e da crítica literária. Clarice Lispector não terminou – e talvez nunca termine – de dizer o que tinha para dizer. Ela rompeu barreiras, falou sobre os corpos e a sexualidade e publicou *A via crucis do corpo* apesar de suas autorreconhecidas adversidades. Nada disso garantiu que o livro fosse bem recebido em sua época, nem que tivesse sua qualidade literária reconhecida em pesquisas mais recentes. Para nós, contudo, a escritora captou e carregou o mundo em suas contradições, contrariou a moral cristã e os bons costumes, desvelou transgressões e continuidades nas ideias mais arraigadas sobre os corpos. Desafiou ainda o sentido corrente das práticas e das palavras e promoveu fissuras, tanto nas normas sociais institucionalizadas quanto nos parâmetros literários canônicos. Enfim, como criadora que foi, desvendou a realidade – ou, ao menos, uma parte importantíssima dela.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BOURGUIGNON, Cristiane P. S. **A via crucis do desejo feminino**: um estudo sobre a escrita de Clarice Lispector. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2016. Vitória: Ufes, 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. **Chão da Feira**, [Caderno de Leituras], n. 78, [s. 1.], jun. 2018.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro Colega: exclusão linguística e invisibilidade. **Discurso & Sociedad**, [s. 1.], v. 1, n. 2, p. 230-248, 2007.

DEFILIPPO, Juliana Gervason. A hora do lixo: literatura encomendada de Clarice Lispector. **Signótica**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 83-112, jan./jun. 2008.

HOOKS, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARCOS, Sylvia. La espiritualidad de las mujeres indígenas mesoamericanas: descolonizando las creencias religiosas. In: MIÑOSO, Yuderky Espinosa Miñoso; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. (Eds.). **Tejiendo de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala**. Popayán: Universidad de Cauca, 2014.

MELO, Flávia Rodrigues de. **Entre o corpo visto e o corpo vivido: a construção da identidade das personagens em A via crucis do corpo de Clarice Lispector**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2014.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002. (Série Folha Explica).

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Tradução Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

SILVA, Natanael de Freitas. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. **História, histórias**, Brasília, v. 1, n. 5, p. 7-22, 2015.

VIANA, Márcia Regina. Liberdade e existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, n. 5, p. 118-129, 2010. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev5.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.